

VIEIRA, Else. *Growing Agency: The Labors of Political Translation*. IN: TYMOCZKO, Maria. *Translation, Resistance, Activism*. Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2010, p. 211-226.



Sônia Maria de Melo Fernandes Puttiniⁱ
(Doutoranda em estudos da Tradução - Université de Montréal/Canadá)
sm.de.melo.fernandes@umontreal.ca

Else Vieira é professora de Estudos Brasileiros e Latino-Americanos e coordenadora do setor de Português na Universidade de Londres, onde criou um Bacharelado de Língua Portuguesa e Estudos Lusófonos. Atua, principalmente, com os seguintes temas: estudos comparados de literatura e cinema, cinema latino-americano e lusófono e tradução. O artigo estudado, *Growing Agency: The Labors of Political Translation*, é parte do livro *Translation, Resistance, Activism*, editado por Maria Tymoczko, em 2010.

235

Vieira relata no início do artigo que uma das editoras mais reconhecidas no Brasil, a Vozes, lhe fez uma proposta, em 1980 (em plena ditadura militar brasileira), de tradução de uma tese de doutorado. A tese em Ciência Política de René Dreifuss tinha sido defendida há pouco tempo, na Universidade de Glasgow. A editora logo esclareceu todas as condições para a tradução que seriam consolidadas no contrato: linguagem de fácil acesso ao grande público, data de entrega da tradução (sem prorrogação de prazo) e tradução de ‘qualidade’.

A editora, na época uma das 5 maiores do país, foi fundada por dois monges franciscanos, no início do século XIX. A autora explica que a editora inicialmente publicava livros que tiveram papéis transformadores para o país: “books that had a fundamental role in the resistance to the growth and spread of positivism in the nineteenth century” (p. 212). Em pleno regime militar, Vozes conseguia muitas vezes publicar livros de títulos provocantes para o regime, como *Tortura nunca mais*, *A voz dos vencidos*; além de autores como Foucault e Gutiérrez.

A autora conta que quando a editora foi até sua casa, em Belo Horizonte, para propor o contrato de tradução, o autor da tese acompanhou o grupo destinado à missão. Vieira relata a

PUTTINI. *Growing Agency: The Labors of Political Translation*.
Belas Infêéis, v. 3, n. 1, p. 235-240, 2014.

imediate empatia entre ela e o autor. Ela podia ver nele uma pessoa inteligente e dedicada ao seu trabalho e na editora um grande profissionalismo que acompanhava as palavras de seu representante: “there is no freedom of speech under dictatorships, so we learn to detect and read other signs, such as expressions, tone of voice, gestures, subtexts, and dates” (p. 214). Aquela tinha sido a primeira vez que Vieira assinara um contrato de tradução sem antes ter visto o texto original. Depois de fechado o contrato, Vieira contactou três outros tradutores, permitido pela editora, pois o trabalho era enorme (1200 páginas) e o prazo de entrega muito curto. Os outros tradutores aceitaram o contrato com grande motivação quando Vieira lhes contou sobre o projeto.

Poucos dias depois da assinatura do contrato, o manuscrito, intitulado “State, Class, and the Organic Elite: The Formation of the Entrepreneurial Order in Brazil (1961-1965)”, chegou à casa da tradutora. Vieira deveria, então, dividir as 1200 páginas entre os quatro tradutores, incluindo ela própria. Para tanto, começou a ler o livro e em pouco tempo se deu conta de que ali estava escrito tudo o que ela gostaria de dizer em voz alta e não era permitido sob um regime ditatorial: “we had lived for 16 years without the permission to say anything” (p. 216). A tradutora tinha em mãos a verdade sobre a história do Brasil, uma história que tinha sido falsificada pelo regime. Vieira explica que a distorção da narrativa histórica é comumente associada a regimes ditatoriais e, por isso, ela é geralmente produzida integralmente fora do país em questão (p. 226).

O projeto ao mesmo tempo a motivava e a amedrontava. Estava claro pra ela que o livro tinha uma forte dimensão política da história do Brasil que deveria ser traduzida. Os aspectos não ditos durante o contrato estavam todos presentes de uma forma ou de outra: a tese foi produzida numa universidade política, por um cientista político e teria que ser finalizado no início de março (véspera do aniversário do golpe de estado de 30 de março de 1964), por uma editora anti-estadista. Vieira sabia desses aspectos mesmo que eles não tenham sido mencionados claramente pelos representantes da editora e pelo autor do livro: “even though I could not claim innocence, because the signs were clear to me, I could not have foreseen the extent of what the thesis exposed” (p. 217).

O autor da tese tinha feito uma extensa pesquisa, entre 1976 e 1980, nos arquivos no Brasil e nos Estados Unidos, incluindo os da CIA. A história integral do envolvimento dos Estados Unidos nos negócios da América Latina da época só foi completamente aberta ao mundo em 1999, com o caso Pinochet (p. 217). Mas a tese era suficiente para expor oficialmente ao país

as fraudes e as verdades sobre a história brasileira. Cada página traduzida revelava, segundo Vieira, as denúncias dos que ainda estavam no poder de uma ditadura repressiva: “all the names were there, what they had contributed to the coup, how the army had been involved, all the tactics and strategies they had used to get hold of power were laid bare” (p. 218).

O momento do contrato da tradução, portanto, era um momento de transição política no país. Faltavam 5 anos para o fim do regime militar. Essa é a visão que temos no presente de um fato histórico. Vieira explica que naquele momento histórico, no entanto, não se sabia ao certo o que aconteceria com o país. Tudo era incerto e as ameaças a quem era contra o regime ainda eram constantes e intensas. Apesar do medo e da insegurança, os tradutores continuaram o trabalho. Vieira revela que eles dividiam a convicção de que um país tem o direito de conhecer sua verdadeira história: “so we walked toward the precipice” (p. 219). Vieira afirma que o autor conseguiu verbalizar o que eles e a grande parte da população brasileira não podiam verbalizar e por meio da tradução toda a história seria revelada em alto e bom tom no país. Segundo Vieira, o autor tinha escrito o que o Brasil parecia estar esperando ouvir há tempos e a tradução foi o catalisador que faltava nesse processo: “Brazil seemed to be waiting us as translators to cast into words of our own idiom what all of us perceived but did not have the courage or facts to express. We wanted what the other had to say, collectively and individually” (p. 221).

Apesar de compartilhar inteiramente as ideias do autor, Vieira estava grávida no momento em que traduzia o manuscrito e, pensando no futuro incerto de seu filho, quando terminou a tradução acrescentou em seu prefácio um depoimento em que afirmava que todas as ideias contidas no livro eram de inteira responsabilidade do autor. O livro, então pronto, teria como título *1964: A conquista do Estado; Ação política, poder e golpe de classe*, conteria o nome dos tradutores e seria lançado no dia 31 de março, aniversário do golpe. Vieira conta que tinha muito medo do que poderia acontecer com eles, os tradutores. Os fantasmas da censura a assombravam diariamente antes da publicação do livro.

Finalmente o livro foi publicado e foi um grande sucesso. Foi best-seller durante três anos no país. O Brasil, finalmente, se reabriu para discussão dos verdadeiros fatos históricos. Em sua conclusão, Vieira explica que a recepção positiva do livro foi de grande importância pra ela, tanto pessoal como profissionalmente a longo prazo: “meditating on this experience of political translation as agency during the preparation of this essay has been important for me” (p.225).

A experiência relatada no artigo mostra como Vieira (e os outros tradutores) foi ‘convidada’, como tradutora, a assumir o papel de agente político de transformação em seu país. Tymoczko sugere que o tradutor assuma o papel de ativista engajado: o tradutor deve ser visível e agir como um sujeito político e ideológico (Tymoczko, 2007). Procurada por uma editora de renome e pelo autor de um livro que revelaria as verdades sobre a história do Brasil durante a ditadura militar (1964-1985), Vieira fez a escolha de aceitar a responsabilidade de mostrar a história que tinha sido manipulada durante tanto tempo. A tradução, nesse sentido, pode ter sido o ponto de partida inicial para a consolidação de uma nova identidade brasileira, que surgia timidamente.

Segundo Tymoczko, o tradutor ocupa um lugar de enunciação e se associa a um contexto: “translators’ choice also establish a place of enunciation and a context of affiliation for the translator and the translation” (Tymoczko, 2007, p. 8). O tradutor muitas vezes escolhe o lugar de onde vai falar a seu público, seja pela escolha do texto a ser traduzido, pelas estratégias utilizadas durante a tradução, pela escolha da editora com quem trabalha, etc. Em um regime de exceção, como foi o caso relatado, o lugar da fala é muitas vezes imposto e as escolhas quase nunca são permitidas. Quando o tradutor tem algum tipo de escolha, geralmente as duas opções são: colaborar com o governo (muitas vezes pela imposição da autocensura) ou resistir e, nesse caso, estar disposto a enfrentar perseguições físicas ou ideológicas. Inicialmente, este último foi o lugar de enunciação escolhido por Vieira e os outros tradutores, tomando uma decisão ética em relação às suas convicções e às de seu país, assumindo a responsabilidade de desvendar a verdadeira história do período.

Para De Baets, “o objetivo dos regimes de exceção é expurgar a historiografia com o intuito de torná-la uma ferramenta ideológica que justifique a posição dos dirigentes no poder”ⁱⁱ (De Baets, 2002, p.1). No caso do Brasil, essa estratégia funcionou por um longo período e, nesse sentido, a responsabilidade assumida por Vieira ofereceu à cultura brasileira a abertura necessária aos fatos passados, revelando a manipulação da história de que todos desconfiavam. A história muitas vezes é escrita por aqueles que estão no poder e, assim, propagam fatos distorcidos a seu favor. Segundo De Baets, “desde tempos imemoriais, os governantes têm tentado manipular o passado, disciplinar historiadores e controlar a memória coletiva”ⁱⁱⁱ (De Baets, 2002, p. 16). Nesse caso, podemos acrescentar também ‘disciplinar tradutores’, pois são eles muitas vezes os portadores da verdade da história. Bhabha esclarece que a tradução é a forma como o novo entra

no mundo (Bhabha, 1994). A tradução há muito tem se revelado uma ferramenta precisa e útil para entender e reconstruir os fatos passados e, assim, entender melhor o momento em que vivemos.

Vieira, portanto, relatou um dos muitos casos em que o tradutor assume um papel de sujeito ativo política e ideologicamente. Ao responsabilizar apenas o autor pelas ideias do livro no prefácio da tradução, no entanto, por uma questão pessoal (o nascimento de seu filho), a autora não conseguiu assumir completamente a responsabilidade e o compromisso com sua ideologia. Vieira traduziu, juntos com os outros três tradutores, o que Bourdieu chama de texto performativo ou ‘herético’, um texto que torna possível uma mudança e uma transformação social (Bourdieu, 1991), citado por Gibbels, in Tymoczko 2010, p. 62). Segundo Gibbels, “a heresia opera em vários níveis: ao dizer o que não tem sido dito (enunciação), ao dizer o indizível (transgressão) e ao destruir verdades auto-evidentes (dramatização)”^{iv}(Gibbels, 2010, p. 62). A tradução de textos desse porte em qualquer época e em qualquer parte do mundo está sujeita à censura por seu caráter transformador. O medo da tradutora, portanto, era justificável em uma época, como a ditadura militar, em que tudo era incerto e propenso a repressões violentas.

239

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.

DE BAETS, Antoon. *Censorship of Historical Thought. A World Guide, 1945-2000*. Connecticut, London: Greenwood press, 2002.

TYMOCZKO, Maria. *Enlarging Translation, Empowering Translators*. Manchester, UK & Kinderhook, USA: St. Jerome Publishing, 2007.

TYMOCZKO, Maria. *Translation, Resistance, Activism*. Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2010.

RECEBIDO EM 22/06/2014

ACEITO EM 28/07/2014

ⁱ Lattes Sônia Maria de Melo Fernandes Puttini. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0738911756894606>

ⁱⁱ [Tradução nossa] “The aim of censoring regimes is to purge historiography in order to make it a tool of the ideology justifying the rulers’ position of power.”

ⁱⁱⁱ [Tradução nossa] “From time immemorial, rulers have tried to manipulate the past, discipline historians, and control collective memory.”

^{iv} [Tradução nossa] “The heresy operates on several levels: by saying what has been unsaid (enunciation), by saying the unsayable (transgression) and by destroying self-evident truths (dramatization).”